

AMEI Escolar

Língua Portuguesa

9º Ano

Obras de Leitura Acompanhada – Os Lusíadas (parte 1)

### A Epopeia. *Os Lusíadas* como uma Epopeia. Contexto histórico/literário d’*Os Lusíadas*

- A **Epopeia** era um género literário que tinha como finalidade exaltar feitos excepcionais e imortalizar heróis. A epopeia surgiu provavelmente na Grécia, nos séculos **IX e VII** antes de Cristo, data provável dos poemas épicos a *Ilíada* e a *Odisseia*, atribuídos a Homero. A primeira narra os acontecimentos da guerra de Tróia é um poema essencialmente guerreiro. A segunda narra a viagem de Ulisses que, após a guerra de Tróia, regressa à sua terra, a ilha de Ítaca e é essencialmente um poema marítimo.
- A epopeia romana por excelência é a *Eneida* de Vergílio. Esta narra, em 12 cantos, as viagens, os combates e os sofrimentos do herói, Eneias, sobrevivente da guerra de Tróia, cujo destino é fundar uma cidade no Lácio (Itália). Esta epopeia é o principal modelo literário de *Os Lusíadas*.
- A Epopeia, apesar de estar escrita em verso, pertence ao **modo narrativo**, assim sendo, é constituída por uma acção realizada por personagens, num determinado espaço e tempo.
- Quanto à sua forma a Epopeia caracteriza-se por possuir uma estrutura própria:
  - ✓ **Proposição** - onde o autor apresenta a intenção e o assunto da obra;
  - ✓ **Invocação** - momento em que o poeta pede inspiração a entidades superiores/míticas, a fim de estar à altura da matéria a narrar;
  - ✓ **Dedicatória** (facultativo) - onde se oferece o poema a alguém;

Conteúdos desta unidade:

- A Epopeia. *Os Lusíadas* como uma Epopeia. Contexto histórico/literário d’*Os Lusíadas*
- A estrutura interna e externa da obra. Os planos da narração;
- Preposição;
- Invocação;
- Dedicatória;
- Início da Narração;
- Consílio dos Deuses no Olimpo;
- Inês de Castro;
- Batalha de Aljubarrota.

- ✓ **Narração** - parte mais extensa da obra que corresponde ao desenvolvimento da acção, ou seja, ao relato dos acontecimentos propriamente ditos. Esta acção é iniciada *in media res* (no meio dos acontecimentos), isto é, não segue a ordem cronológica dos acontecimentos.
- Para além desta estrutura, a Epopeia apresenta ainda outros aspectos específicos:
  - ✓ **Profecias** - previsão de acontecimentos futuros por inspiração divina;
  - ✓ **Retrospectivas** - exposição de acontecimentos passados;
  - ✓ **Mitologia** - presença de entidades sobrenaturais (deuses greco-latinos) que interagem com os heróis humanos;
  - ✓ **Existência de episódios** - pequenas narrativas que embelezam a acção e que não quebram a sua unidade;
  - ✓ **Divisão em cantos** - partes de extensão variável de um poema épico.
- Podemos definir a **narrativa épica** como uma composição onde se narram acontecimentos de dimensão e de valor grandiosos, heróicos, com interesse nacional e projecção universal, em versos decassilábicos organizados em oitavas, as quais se distribuem em cantos.

### Os Lusíadas como uma Epopeia

	<b>Epopeia Clássica</b>	<b>Os Lusíadas</b>
<b>Momentos</b>	<b>Proposição</b> Apresentação do tema	<b>Proposição</b> - Canto I, ests. 1 a 3: <u>apresentação dos seus objectivos, da sua intenção de cantar / louvar as navegações e conquistas no Oriente, as vitórias em África e a formação de Portugal</u> .
	<b>Invocação</b> Pedido de inspiração	<b>Invocação</b> - Canto I, ests. 4 e 5: <u>súplica às ninfas do Tejo (Tágides) para que o ajudem a concretizar a sua obra</u> ; - Canto III, ests. 78 a 87: <u>nova invocação às Tágides e às ninfas do Mondego, queixando-se da sua má fortuna e pedindo novas forças para continuar a sua tarefa</u> ; - Canto IX, estrs. 8 e 9: <u>invocação a Calíope, suplicando-lhe a continuação do gosto pela escrita, apesar de ninguém o ouvir</u> .

	<b>Dedicatória</b> Oferta da obra	<b>Dedicatória</b> - Canto I, ests. 6 a 18: <u>oferta do poema ao rei D. Sebastião.</u>
	<b>Narração</b> Desenvolvimento do tema	<b>Narração</b> -Canto I, est.19 até ao fim da obra.
<b>Elementos</b>	<b>Acção</b> O tema que se vai desenrolando ao longo da obra	<b>Acção</b> - <u>relato de factos da nossa História dignos de memória, realizados no passado</u> (desde as origens de Portugal até D. Manuel I - História de Portugal) <u>e no presente</u> (viagem marítima de Vasco da Gama à Índia).
	<b>Personagem / herói</b> A personagem principal	<b>Herói</b> - <u>o Povo Português</u> , aqui simbolizado por Vasco da Gama.
	<b>Maravilhoso</b> Intervenção de seres superiores	<b>Maravilhoso</b> - <u>cristão; pagão; céltico ou mágico.</u>
	<b>Forma</b> Estrutura versificatória	<b>Forma</b> - narrativa <u>versejada; versos decassilábicos; rimas com esquema abababcc; estâncias - oitavas; poema dividido em 10 cantos.</u>
<b>Qualidades</b>	<b>Unidade</b> - ligação nas partes, série de acontecimentos, num tom harmonioso.	<b>Unidade</b> - existe um fio condutor ao longo da obra: <u>a narração da viagem de Vasco da Gama</u> , realizada entre Lisboa e Calecute.
	<b>Variedade</b> - introdução de episódios, breves narrativas, que embelezam e dinamizam a acção, não interferem na unidade.	<b>Variedade</b> - <u>introdução de episódios históricos</u> que ajudam a melhor conhecer a alma lusitana.
	<b>Veracidade</b> - assunto real ou pelo menos verosímel.	<b>Veracidade</b> - assunto real: <u>a descoberta do caminho marítimo para a Índia.</u>
	<b>Integridade</b> - estrutura narrativa com introdução, desenvolvimento e desenlace.	<b>Integridade</b> - ao longo da composição encontramos a <u>estrutura narrativa: a introdução</u> , Canto I, ests. 1 a 18: <u>o desenvolvimento</u> , canto I a IX; <u>o desenlço</u> , que corresponde ao regresso: canto IX, estrs.13 a 144.

- Para além das características clássicas da epopeia, *Os Lusíadas* apresentam já influências das ideias da sua época:

- ✓ o universalismo: é a intenção de o poeta dar a conhecer ao Mundo os feitos dos portugueses, não se confinando a Portugal: "Cantando espalharei por toda a parte" (canto I, est. 2, v. 7) e "Que se espalhe e se cante no Universo" (canto I, est. 5, v. 7);
- ✓ o experimentalismo: surge como oposição ao saber livresco, valorizando a longa experiência dos marinheiros;
- ✓ o homem surge como um elemento capaz de intervir no seu destino, de lutar, pondo em jogo alguns dos seus valores, como, por exemplo, o heroísmo e o saber. Efectivamente, enfrentaram-se as forças da Natureza - por exemplo, o episódio do Adamastor -, e há o confronto com outros povos, outros costumes, novas culturas e novas questões.

## A estrutura interna e externa da obra. Os planos da narração

- A nível da **estrutura externa**, a obra-prima camoniana é constituída por:
  - ✓ 10 cantos (de extensão variável);
  - ✓ 1102 estâncias;
  - ✓ 8 versos por estância (oitavas);
  - ✓ 10 sílabas métricas por cada verso (decassílabo), maioritariamente heróicos (acentuados na sexta e na décima sílaba) e, em alguns casos, sáficos (acentuados na quarta, oitava e décima sílaba);
  - ✓ esquema rimático abababcc (cruzada nos primeiros seis versos e emparelhada nos dois últimos).
- *Os Lusíadas*, sendo uma epopeia, dividem-se em quatro partes:
  - ✓ **Proposição** (Canto I, estâncias 1-3);
  - ✓ **Invocação** (Canto I, estâncias 4-5);
  - ✓ **Dedicatória** (Canto I, estâncias 6-18);
  - ✓ **Narração** (Canto I, estâncias 19 - até ao fim do poema).
- A narrativa inicia-se **in media res**, quando a armada de Vasco da Gama se encontra já em pleno Oceano Índico, no ponto onde os portugueses já são verdadeiramente descobridores. Camões recorre a analepses (recuos no tempo), a fim de contar os acontecimentos anteriores à Viagem, e também a prolepses (avanços no tempo), com o intuito de antecipar factos futuros.

- A narração da obra faz-se a partir da articulação dos seguintes planos da narrativa:
  - ✓ plano da **viagem de Vasco da Gama** (plano central) - narração da viagem de Lisboa até à Índia (partida de Belém, paragem em Melinde e chegada a Calecut) e do regresso a Portugal;
  - ✓ plano do **mitológico/maravilhoso** (plano paralelo) - intervenção dos deuses na acção, ora facilitando (adjuvantes), ora dificultando (oponentes) o avanço da armada de Vasco da Gama;
  - ✓ plano da **História de Portugal** (plano encaixado) - relato de factos marcantes da História de Portugal (desde o início da Reconquista Cristã até à época de Camões);
  - ✓ plano das **intervencções do Poeta** (plano ocasional) - considerações pessoais que o Poeta vai tecendo ao longo do poema, sob a forma de lamentos, críticas e exortações.

### Preposição (canto I, estâncias 1-3)

- A *Preposição* está dividida em duas partes:
  - ✓ a primeira é constituída pelas duas primeiras estâncias, em que o poeta se propõe a levar a cabo uma tarefa;
  - ✓ a segunda é constituída pela terceira estância, na qual Camões lança um desafio e compara os portugueses com os heróis antigos.
- Na primeira parte, Camões dá a conhecer o que pretende “cantar”:
  - ✓ os feitos guerreiros (“as armas”) e os homens ilustres (“barões assinalados”), que decidiram atravessar os mares para desvendar o nunca conhecido. São pioneiros, não tiveram medo apesar de todas as superstições. Por este motivo, conseguiram “passar além da Taprobana”, isto é, ultrapassaram o universo até então conhecido. Por outro lado, “Entre gente remota edificaram / Novo reino (...)”, ou seja, estes homens conseguiram ainda em tão remotos e exóticos lugares construir um “novo reino” (alargar o território português);
  - ✓ os “reis” que, na África e na Ásia, expandiram “a fé e o Império” (a religião cristã e o domínio português);

- ✓ “E aqueles que por obras valerosas / se vão da lei da Morte libertando”, ou seja, Camões canta igualmente todos aqueles que, no passado, no presente e no futuro realizaram grandes feitos, ao ponto de ficarem sempre na memória dos homens e de se tornarem, assim, imortais.

***Sumariamente:***

*Os feitos guerreiros, os homens ilustres, os Reis que alargaram a fé o Império, aqueles que realizaram grandes obras, tudo isto é digno de ser cantado, celebrado com solenidade e entusiasmo, porque através das suas acções, estes homens ultrapassaram a natural fraqueza humana e o medo do desconhecido.*

- Na segunda parte, o Poeta vai introduzir novos elementos. Na verdade faz um desafio e um apelo a que:
  - ✓ se deixe de celebrar “as navegações grandes que fizeram” Ulisses (herói da *Odisseia*) e Eneias (herói da *Eneida*);
  - ✓ se calem aqueles que celebram as vitórias de Alexandre Magno (rei da Macedónia, famoso pelas suas conquistas) e de Trajano (imperador romano que tentou ultrapassar as conquistas de Alexandre Magno).
- Camões faz assim um desafio e um apelo a que “cesse tudo o que a musa antiga canta” (a poesia épica da antiguidade) porque “outro valor mais alto se alevanta”. Efectivamente os portugueses (“o peito ilustre lusitano”) são muito superiores, pois venceram os deuses do Mar (Neptuno) e da Guerra (Marte). Os heróis de Camões são, por conseguinte os Portugueses.

***História da Língua:***

“alevanta” (est. 3, v.8) = levanta → prótese (adição de um som no início da palavra)

**Recursos expressivos:**

**Sinédoque** → figura de estilo pela qual se toma a parte pelo todo ou vice-versa, o singular pelo plural ou vice-versa.

Exemplo: “Ocidental praia lusitana” = Portugal  
“o peito ilustre lusitano” = Portugueses

**Perífrase** → consiste em dizer por várias palavras o que se poderia resumir em apenas numa ou em poucas.

Exemplo: “Se vão da lei da Morte libertando” = Se vão imortalizando  
Quando os primeiros raios de Sol começavam a querer romper  
por entre as nuvens ... = Quando amanhecia

**Antonomásia** → figura de estilo em que, em vez do nome próprio, se utiliza um ou outro nome sugestivo.

Exemplo: “Sábio Grego” = Ulisses  
“Troiano” = Eneias

## Invocação (canto I, estâncias 4-5)

- A **Invocação** é um elemento estrutural obrigatório nos poemas épicos. Destinava-se a **pedir o favor das Musas que o Poeta escolhia como suas protectoras e inspiradoras**. Essa ajuda era indispensável para que o Poeta conseguisse **um estilo elevado e sublime**.
- Camões escolhe como Musas suas protectoras **as Tágides, ninfas do Tejo**. A elas pede **“engenho”, “estilo grandiloco” e inspiração elevada**, que possa levá-lo a **cantar dignamente os feitos dos portugueses** e a espalhar sua fama **por todo “o Universo”**.

**Recursos expressivos:**

**Repetição anafórica** → repetição de palavras ou expressões, no início de versos não sucessivos.

Exemplo: “Dai-me agora um som alto e sublimado, / (...) / Dai-me hua fúria grande e sonora / (...) / Dai-me igual canto aos feitos da famosa”

## Dedicatória (canto I, estâncias 6-10)

- Camões faz questão de dedicar *Os Lusíadas* a D. Sebastião, o monarca que, então, reinava em Portugal. Pede-lhe que oiça os feitos

gloriosos dos portugueses, povo que governa e solicita-se que siga o exemplo dos antepassados. Camões espera, por isso, que D. Sebastião subjugu os Mouros, os Turcos, os povos Bárbaros, a fim de que alargue o território português e espalhe a Fé Cristã.

**Nota:**

*“E vós ...”, “Vós ...” → uso frequente do vocativo porque Camões se dirige a D. Sebastião e faz-lhe vários apelos.*

*D. Sebastião → “O Desejado”, “O Encoberto”*

## Início da Narração (canto I, estância 19)

- Terminada a introdução da epopeia, Camões entra no assunto do poema. De entre todos os empreendimentos portugueses, escolhe a **viagem de Vasco da Gama à Índia**.
- Como é típico das epopeias, a narração inicia-se “**in media res**”, neste caso, **no plano da viagem**. Na estância 19, a armada de Vasco da Gama encontra-se “**no largo Oceano**” (Oceano Índico), aproximadamente na zona do Canal de Moçambique, isto é, na zona a partir da qual eles são verdadeiramente descobridores. Até aí, outros, como Bartolomeu Dias, já tinham chegado.
- A viagem decorre **com serenidade**: “inquietas ondas”, ventos brandos, “branca escuma” e muitos animais marinhos eram visíveis.

**Sumariamente:**

*Os processos utilizados pelo Poeta para sugerir a normalidade da viagem são:*

- o uso do **advérbio de modo** “brandamente”;
- o uso do **gerúndio**: “apartando”, “inchando”, “cortando” para exprimir a regularidade de movimentos contínuos e cadenciados quer das “ondas” quer do “ventos” e das “proas”.

**Recursos expressivos:**

**Personificação**

Exemplo: “Os ventos brandamente respiravam.”

## Consílio dos Deuses no Olimpo (canto I, estâncias 20-41)

*Nota:*

*Con<sub>s</sub>ílio* → assembleia deliberativa

*Con<sub>c</sub>ílio* → reunião de Bispos com o fim de definir questões de Fé, Moral e Disciplina.

- O episódio do consílio dos Deuses no Olimpo pode ser dividido em vários momentos:
  - ✓ Convocatória dos Deuses (est. 20-21);
  - ✓ Discrição de Júpiter (est. 22-23);
  - ✓ Discurso de Júpiter (est. 24-4 primeiros versos da est. 30);
  - ✓ As razões de Baco (4 últimos versos da est. 30-32);
  - ✓ O discurso favorável de Vénus (est. 33-34);
  - ✓ A agitação na Assembleia (est. 35);
  - ✓ A intervenção de Marte (est. 36-40);
  - ✓ A decisão final de Júpiter (est. 41).

### A Convocatória dos Deuses (est. 20-21)

*Nota:*

*A estância 20 faz a ligação entre dois planos que ocorrem em simultâneo:*  
- o plano da viagem;  
- o plano dos Deuses.

*“Quando os Deuses no Olimpo luminosos” → A conjunção “quando” é uma conjunção temporal e interliga os dois planos, mostrando a simultaneidade dos dois acontecimentos.*

- O consílio é uma assembleia convocada por **Júpiter** (o pai dos deuses) por intermédio de **Mercúrio** (o mensageiro dos deuses) com o objectivo de **determinar o futuro do Oriente** (“sobre as cousas futuras do Oriente”). Rapidamente, os deuses acorrem ao chamamento de Júpiter, para com ele deliberarem.

### A Discrição de Júpiter (est. 22-23)

- Júpiter é o presidente da assembleia:
  - ✓ estava sentado “Num assento de estrelas cristalino”;
  - ✓ tinha um “ar divino” num “corpo humano”;
  - ✓ tinha uma coroa na cabeça;

- ✓ o “ceptro rutilante” (resplandecente) numa das mãos;
- ✓ na outra mão, provavelmente, “os feros raios de Vulcano”;
- ✓ a expressão, o “gesto”, era “alto, severo e soberano”;
- ✓ o tom de voz era “grave e horrendo”;
- ✓ em síntese, todo ele tinha um aspecto “sublime e dino”.

**Recursos expressivos:**

**Adjectivação**

*Exemplo:* “assento de estrelas cristalino” (adjectivação simples)

“Estava o Padre, ali, sublime e dino” (dupla adjectivação)

“gesto alto, severo e soberano” (tripla adjectivação)

**O Discurso de Júpiter (est. 24-29)**

- A nível geral, Júpiter mostra-se claramente favorável em relação à determinação de os Portugueses chegarem à Índia. Por isso, apresenta, na Assembleia, argumentos para os defender:

Argumentos Passados	Argumentos Presentes
<p>- a <u>determinação dos Fados</u> (vontade divina que nem o Olimpo pode vencer - “cuja alta lei não pode ser quebrada”) <u>de que os portugueses levarão ao esquecimento de “Assírios, Persas, Gregos e Romanos”</u> (são os quatro impérios da teoria clássica. Falta, pois, o Quinto Império, o Português, que será superior a todos os outros) (est. 24);</p> <p>- <u>as vitórias passadas, face aos Mouros e aos Castelhanos</u>, apesar da inferioridade numérica e da desproporção das forças. Só a <b>valentia</b> e a <b>ajuda divina</b> tornaram essas vitórias possíveis (est. 25);</p> <p>- <u>as vitórias lusitanas contra Roma</u>, nas épocas de Viriato e de Sertório (est. 26).</p>	<p>- a <b>coragem</b> de navegar por <b>mares desconhecidos em frágeis embarcações</b>, <u>revelando valentia e tenacidade</u> no objectivo de descobrir a Índia (“cometendo / O duvidoso mar num lenho leve”) (est. 27).</p>

- Com base nestes argumentos e considerando que os portugueses passaram em alto mar “o duro Inverno”, que estão cansados (“A gente vem **perdida e trabalhada**”), Júpiter defende que devem ser ajudados (“Já parece bem feito que lhe seja / Mostrada a nova terra que deseja”) (est. 28).

- De facto, prossegue o presidente da assembleia “tem passados / Na viagem tão ásperos perigos”, “tantos climas e céus experimentados” e “o furor de ventos inimigos”. Logo, devem ser bem recebidos na costa africana (“como amigos”), para guarnecerem a frota, para se restabelecerem do cansaço e para, assim, poderem “seguir a sua longa rota” (est.29).

### As razões de Baco (est. 30-32)

- Baco manifesta-se em feroz oposição a Júpiter (est. 30, vv. 5-6). As razões por detrás desta atitude são:
  - ✓ o receio de que os seus feitos no Oriente sejam esquecidos se os navegadores portugueses lá chegarem (est. 30, vv. 7-8);
  - ✓ o facto de ter ouvido dos “Fados” que uma “gente fortíssima de Espanha” (os portugueses), com as suas vitórias, ultrapassaria a sua fama (est. 31);
  - ✓ finalmente, o receio de deixar de ser cantado pelos poetas como “vencedor da Índia” (est. 32, v. 3) e de cair definitivamente no esquecimento, com a chegada dos portugueses.

### O discurso favorável de Vénus (est. 33-34)

- Vénus dá igualmente o seu parecer e **opõe-se frontalmente a Baco**, mostrando-se favorável aos portugueses. Os argumentos que a movem são os seguintes:
  - ✓ as semelhanças que os portugueses tinham com os Romanos, de quem Vénus gostava muito:
    - o valor militar: “no fortes corações” (est. 33, v. 5);
    - a Fortuna: “a forte estrela” (est. 22, v.5);
    - a língua que, “com pouca corrupção”, lhe parece a latina (est. 33, vv. 7-8);
  - ✓ o facto de saber pelas parcas (que presidem os destinos humanos) que o seu nome será glorificado no vasto Império que os portugueses vão conquistar (est. 34, vv. 1-4).

### A agitação na assembleia (est. 35)

- Os deuses envolvem-se em acalorada discussão e tomam ou o partido de Baco (que “pela infâmia (...) arreceia”) ou o partido de Vénus (que pretende “honras” por parte dos portugueses).
- O poeta serve-se dos seguintes recursos para ilustrar a violência deste conflito entre os deuses, comparando o tumulto desencadeado pelos deuses a um gigantesco ciclone, provocado pelos Ventos **Austro** e **Bóreas** numa floresta:

- ✓ “**rompendo** os ramos”;
- ✓ “com **impíto** e **braveza desmedida**”;
- ✓ “**Brama** toda a montanha”;
- ✓ “o **som** murmura”;
- ✓ “**rompem-se** as folhas”;
- ✓ “**ferve** a serra erguida”.

**Recursos expressivos:**

**Comparação**

Exemplo: “*Qual Austro fero ou Bóreas*” (est. 35, v. 1)  
 “*Tal andava o tumulto*” (est. 35, v. 7)

**Adjectivação**

Exemplo: “*De silvestre arboredo abastecida*” (est. 35, v. 2)  
 “*Braveza desmedida*” (est. 35, v. 4)

**Hipérbato** → figura de estilo, que consiste na inversão da ordem das palavras na frase.

Exemplo: “*Qual Austro fero ou Bóreas (...)* / *Rompendo os ramos vão da mata escura / Com impíto e braveza desmedida*” = *Qual Austro fero ou Bóreas (...)* / *Com impíto e braveza desmedida / Vão rompendo os ramos da mata escura*”.

**A intervenção de Marte (est. 36-40)**

- A intervenção de Marte restabelece a ordem na assembleia.  
 Inicialmente é feito o retrato físico e psicológico do deus.

Do ponto de vista físico	Do ponto de vista psicológico
<p>- <u>o deus da guerra tinha um aspecto imponente:</u> “o forte escudo ao colo pendurado”, “a viseira do elmo de diamante”, “um “bastão” na mão, “armado, forte e duro”.</p>	<p>- <u>seguro</u>, quando manifesta a sua opinião perante Júpiter (“mui seguro”);          - <u>irado, inspirava temor</u> (“medonho e irado”);          - <u>temperamento “explosivo”</u> : “merencório no gesto parecia”, “o forte escudo (...) / Deitado para trás”, “dando hua pancada penetrante, / (...) / O Céu <b>tremeu</b>, e <b>Apolo</b> (...) / Um pouco <b>a luz perdeu</b>”</p>

- Quanto ao discurso, o deus da guerra faz um apelo a Júpiter:
  - ✓ pretende que o pai dos deuses ajude os portugueses a alcançar a Índia, devido ao seu heroísmo e aos seus actos grandiosos (“Se esta gente (...) / Cujas valias e obras tanto amaste, / Não queres que padeçam vitupério” ; est. 38, vv. 3-5);
  - ✓ argumenta que Júpiter deverá cumprir com a sua determinação de ajudar os portugueses, como havia decidido, inicialmente, no seu discurso (est. 40, vv. 1-4);
  - ✓ alega que as razões de Baco são suspeitas, pois é movido pela inveja (est. 38, vv. 7-8; est. 39, vv. 4-8);
  - ✓ finalmente, sugere que Mercúrio (que é o mais veloz dos deuses) vá mostrar aos portugueses a terra onde se poderão restabelecer da viagem e informar-se sobre o caminho para a Índia (est. 40, vv. 7-8).

### A decisão final de Júpiter (est. 41)

- O consílio termina com a concordância de Júpiter relativamente aos argumentos e à sugestão de Marte. Há, por conseguinte, uma decisão que é tomada a favor dos portugueses, apesar de Baco não concordar.

### Inês de Castro (est. 118 - 137, canto II)

#### *Recursos expressivos:*

*Hipérbole* → exagero da realidade

*Exemplo:* “O caso triste e dino da memória, / Que do sepulcro os homens desenterra.”

*Hipérbato* → inversão da ordem das palavras na frase

*Exemplo:* “Que do sepulcro os homens desenterra.” = *Que desenterra os homens do sepulcro.*

### Estância 118

- Estamos no plano narrativo da História de Portugal. O narrador deste episódio é Vasco da Gama que conta os amores de Pedro e Inês ao Rei de Melinde (narratário, isto é, destinatário da narração).
- Este episódio passa-se no reinado de D. Afonso IV e refere-se à Batalha do Salado (1360) de que D. Afonso IV saiu vitorioso. Depois desta batalha e de regressar a Portugal, acontece este trágico

episódio: “O caso **triste e dino da memória**, / **Que do sepulcro os homens desenterra**.”

- Nesta estância, é já visível a simpatia do Poeta em relação aos acontecimentos em torno de Inês de Castro. Inês de Castro é a “mísera” e “mesquinha”, isto é, o poeta considera-a uma vítima inocente.

### Estância 119

- Na perspectiva do Poeta, existe uma relação entre o “Amor” e o desenlace deste episódio. Na verdade, o Amor é o causador desta tragédia: “Tu, só tu, puro amor, com força crua / (...) / Deste causa à molesta morte sua.”

*Recursos expressivos:*

*Personificação*

*Exemplo: “Tu, só tu, puro amor (entidade personificada) ”*

*Apóstrofe → invocação*

*Exemplo: “Tu, só tu, puro amor”*

- Camões caracteriza o Amor como uma **força cruel e devastadora** para os corações humanos e que só se pacifica com a morte:
  - ✓ “com **força crua**”;
  - ✓ “**fero** Amor”;
  - ✓ “**áspero e tirano**”;
  - ✓ sequioso de “**sangue humano**”;
  - ✓ incapaz de se compadecer com as lágrimas humanas (vv. 5-6).

### Estâncias 120 e 121

- Inês de Castro encontra-se num estado de verdadeira alegria. Na verdade, o seu amor era correspondido por D. Pedro, com a mesma intensidade (“As **lembranças** que na alma lhe moravam / (...) / De noite em **doces sonhos** que mentiam, / De dia, em **pensamentos que voavam**”).
- Por esta razão, em Coimbra, Inês vivia numa felicidade despreocupada (“posta em sossego”) e cega (“Naquele engano da alma, ledó e cego”).

- A natureza envolvente é uma ouvinte atenta das confidências de Inês:
  - ✓ os “saudosos campos do Mondego” vão-se enchendo das suas lágrimas de saudade;
  - ✓ os “montes” e as “ervinhas” ouvem de Inês o nome constantemente repetido do seu amado.

*Recursos expressivos:*

*Personificação*

*Exemplo: personificação da natureza (est. 120) “saudosos campos”; “aos montes insinando e às ervinhas”*

- Os versos 3 e 4 da estância 120, indicam já um presságio (“Naquele engano da alma, ledo e cego, / Que a Fortuna não deixa durar muito”), o de que o Destino não permite que os estados de felicidade amorosa durem muito. Por outras palavras, a Fatalidade será o desenlace mais previsível.

### **Estâncias 122 e 123**

- Perante a recusa de D. Pedro em se casar novamente, D. Afonso IV, que “respeita / O murmurar do povo” e a vontade do filho que “casar-se não queria”, decide mandar matar Inês como forma de acabar com as loucuras amorosas de D. Pedro e, assim, levá-lo a esquecer Inês e de acalmar os murmúrios do povo.
- Camões revela uma atitude de **simpatia** por D. Afonso IV:
  - ✓ o Rei é “o velho pai sesudo (experiente, prudente)” e “o rei benino” (est. 130, v. 1) que deseja perdoar Inês após o seu longo discurso;
  - ✓ “Ante o Rei já movido a  **piedade**” - sente pena de Inês e quase deseja voltar atrás.

### **Estâncias 124 e 125**

- O Poeta atribui a culpa, fundamentalmente, pela morte de Inês ao povo:
  - ✓ era o povo que continuamente murmurava contra estes amores (“o murmurar do povo”, est. 122);
  - ✓ o povo não deixa que o Rei retroceda na sua decisão de matar Inês: “Mas o povo com falsas e ferozes / Razões, à morte crua o persuade” (est. 124), “Mas o pertinaz povo e o seu destino / (...) lhe não perdoam” (est. 130).

- O estado de espírito de Inês de Castro modifica-se drasticamente, quando é levada pelos algozes à presença do Rei. Sabe imediatamente que a irão matar. Por isso sente a “mágoa e saudade” (est. 124) em relação a D. Pedro e aos filhos que deixará órfãos (“cuja **orfindade** como mãe temia”, est. 125). Sendo assim, assume uma atitude suplicante e, “com tristes e piedosas vozes” (est. 124), prepara-se para implorar compaixão a D. Afonso IV.

### Estâncias 126 a 129: O discurso e os argumentos de Inês de Castro

- Para dissuadir o Rei, Inês suplica-lhe perdão e apresenta os seguintes argumentos:
  - ✓ lembra a **compaixão** que as próprias “brutas feras” e as “aves agrestes” sempre tiveram com as **crianças** (as pombas por Semíramis; a loba por Rómulo e Remo) e pede-lhe que também a tenha pelos seus filhos e de D. Pedro;
  - ✓ sublinha a sua **debilidade de mulher** (“hua donzela / Fraca e sem força”, est. 127) e apela à humanidade e à piedade do Rei;
  - ✓ refere-se à sua inocência (est. 128, vv. 3-5);
  - ✓ lembra ao Rei a sua **condição de cavaleiro**, pois se sabe **dar a morte** a quem merece e tem culpa, deve também saber **dar a vida**, usando de **clemência** para com os inocentes (est. 128, vv. 1-3);
  - ✓ aponta uma outra alternativa à sua morte, a do **desterro** (“Põe-me em perpétuo e mísero desterro”, est. 128, vv. 6-8 e est. 129, vv. 1-4);
  - ✓ relembra o seu **amor por D. Pedro**, a sua **condição de mãe** e a **orfandade** dos seus filhos (est. 129, vv. 5-8).

#### *Nota - funções da linguagem presentes nestas estâncias:*

*As funções de linguagem presentes no discurso de Inês de Castro são:*

- a função apelativa - está presente na *súplica* de Inês (note-se o uso de formas verbais no **modo imperativo** “tem respeito”, “**mova-te**”, “**sabe**”, “**põe-me**”);
- a função emotiva - está presente nas expressões que incutem **sentimentos de piedade e de compaixão** no seu ouvinte (D. Afonso IV).

### Estância 130

- O Poeta faz uma reflexão, utilizando uma **interrogação retórica** (interrogação que não exige uma resposta, mas que procura sublinhar uma determinada ideia). Nessa interrogação, procura sublinhar a

cobardia daqueles que vão matar Inês de Castro, violando o código de cavalaria.

### **Estâncias 131 e 132**

- Inês é comparada a Policena, no momento em que é sacrificada. A sua expressão é de serenidade (“como mansa ovelha”) e de aceitação de sacrifício.
- Os “matadores” de Inês são caracterizados como sendo “brutos”, “fervidos e irosos”, tão encarniçados estavam na ânsia de a matar.

### **Estâncias 133 e 134**

- A estância 133 contém uma intervenção do Poeta, que através da apóstrofe, sublinha a atrocidade do acto cometido contra Inês. O Poeta invoca o Sol, considerando que, tal como aconteceu com Cristo quando morreu, deveria ter “apartado os seus raios”, isto é, o dia dever-se-ia ter convertido na noite mais escura. O Poeta põe, portanto em evidência a desumanidade daqueles que intervieram directa ou indirectamente neste assassínio.
- Na estância 134, Inês de Castro é caracterizada logo após a sua morte. Na verdade, ela é comparada com a “bonina” depois de cortada e de maltratada por mãos irrequietas: torna-se murcha e perde o perfume e a cor. Da mesma forma, verifica-se no rosto de Inês a **palidez da morte**: “secas do rosto as rosas” (v. 7), “perdida / A branca e viva cor” (vv. 7-8).

#### *Recursos expressivos:*

##### *Apóstrofe*

*Exemplo: “Bem puderas, ó Sol, ...”*

##### *Comparação*

*Exemplo: “Assi como a bonina, que cortada / Antes do tempo foi, ... / (...) / Tal está, morta, a pálida donzela”;*

### **Estância 135**

- A lembrança de Inês de Castro perpetua-se na “**fonte dos Amores de Inês**”, resultado das **lágrimas choradas**” pelas “**filhas do Mondego**” (as ninfas do rio e as moças de Coimbra).

- Esta fonte está situada em Coimbra, na “Quinta das Lágrimas”, onde se julga que terão decorrido os **amores de Pedro e Inês**.

### **A natureza lírica deste episódio**

- O episódio de “Inês de Castro” revela uma natureza lírica, presente nos seguintes momentos:
  - ✓ a descrição de Inês enamorada (est. 120, vv. 1-3 e est. 134, vv. 5-8);
  - ✓ quando a Natureza é apresentada como confidente no idílio amoroso (sonho/devaneio amoroso) e reflecte os estados de espírito do sujeito (est. 120, vv. 5-8 e est. 135, vv. 3-8).
- Camões introduz episódios líricos na sua epopeia, a fim de quebrar a monotonia da acção contínua e de embelezar o seu poema, conferindo-lhe maior variedade.

### **As características trágicas deste episódio**

<b><u>A oposição felicidade/infelicidade</u></b>	<u>É nítida no confronto entre as estâncias 120-121 (que correspondem ao estado de felicidade amorosa) e as estâncias 123 e seguintes (que correspondem ao carácter trágico dos acontecimentos: a decisão de matar Inês, o discurso suplicante de jovem e a sua execução).</u>
<b><u>A oposição inocência/brutalidade</u></b>	<u>É visível no contraste entre a inocência de Inês (est. 134) e a crueza e brutalidade dos seus algozes (est. 132).</u>
<b><u>A transgressão das regras estabelecidas</u></b>	<u>Dona Inês mantinha uma relação ilícita com D. Pedro, contrária às razões de Estado.</u>
<b><u>O Destino/Fortuna</u></b>	<u>O destino trágico persegue os amores de ambos, pressagiando um desfecho trágico (est. 120, vv. 3-4 e est. 130, vv. 2-3)</u>
<b><u>A morte ou catástrofe</u></b>	<u>O assassinio de Inês.</u>
<b><u>O Coro ou intervenções do Poeta</u></b>	<u>Perante a brutalidade de tal crime, o Poeta intervém, por intermédio de perguntas retóricas e apóstrofes (cf est. 130, 133 e 135) que funcionam como mecanismos de reprovação do comportamento dos algozes (e do povo) e que servem para <b>acentuar a sua desumanidade.</b></u>

## Estâncias 136 e 137

- Estas estâncias referem-se a D. Pedro. Na estância 136 alude-se ao **tratado de extradição de inimigos e criminosos**, feito entre **o rei de Portugal e o de Castela**, que permitia àquele castigar os assassinos de Inês. Depois da morte de D. Afonso IV (pai de D. Pedro I), D. Pedro torna-se governante e decide vingar-se dos assassinos de Inês, violando o pacto de amnistia que tinha feito com o pai.
- Na estância 137, o narrador (Vasco da Gama) descreve D. Pedro como um **rei rigoroso e obcecado pela justiça**, daí ter sido denominado de “o cruel e justiceiro”.

## Batalha de Aljubarrota (canto IV, estâncias 28-45)

- Este episódio pode ser dividido em 4 partes:
  - ✓ **primeira parte** – preparativos para a batalha (est. 28-29);
  - ✓ **segunda parte** – discrição da batalha (est. 30-42 primeira parte);
  - ✓ **terceira parte** – desfecho da batalha (est. 42 segunda parte-44);
  - ✓ **quarta parte** – acontecimentos que sucedem a batalha (est. 45).
- Estas estâncias inserem-se no plano narrativo da História de Portugal, sendo o narrador Vasco da Gama e o narratário o rei de Melinde.

### PRIMEIRA PARTE

#### Estância 28

- O acontecimento que anuncia o início da batalha é o sinal dado pela “trombeta castelhana” incitando os castelhanos ao combate e dando início à sua investidura.

#### *Recursos expressivos:*

#### *Adjectivação abundante*

*Exemplo: “horrendo, fero, ingente e temeroso”*

*Este recurso sublinha o carácter horrífico e cruel desta batalha, na qual os portugueses estavam em nítida desvantagem, no que se refere ao número de homens e aos recursos bélicos (armamento).*

- Este som, da “trombeta castelhana”, causa diferentes efeitos na Natureza e nas pessoas:
  - ✓ a natureza ouve este som temível e estremece de medo: o Guadiana recua e o Tejo corre (“Guadiana/Atrás tornou as ondas de medroso” - vv. 3-4; “correu ao mar o Tejo duvidoso” - v.6);
  - ✓ o som é tão forte e tão temível que se ouve na Galiza, no Douro e no Alentejo;
  - ✓ nas pessoas este som causa, igualmente, um calafrio de medo e de terror.

**Recursos expressivos:**

**Personificação**

*Exemplo: “Correu ao mar o Tejo duvidoso”*

**Hipérbole → exagero da realidade**

*Exemplo: “Ouviu o Douro e a terra Transtagana”*

*O Poeta recorre a estes recursos expressivos como forma de realçar o pânico e o temor que se apoderou de todos.*

**Estância 29**

- Os rostos dos combatentes estão pálidos por causa do medo, mas o furor de vencer o inimigo é tão grande que faz esquecer a perda da vida ou de alguns membros.
- Esta estância mostra que a **consciência do perigo iminente** gera um grande **temor** (daí a palidez dos rostos) mas também o **instinto de sobrevivência** em situação limite.

**SEGUNDA PARTE**

**Estância 30**

- O poeta começa por descrever o movimento da batalha. Os adversários são os portugueses (de um lado “a defensão da própria terra” – v.3) e os castelhanos (do outro lado “as esperanças de ganhá-la” – v.4).
- O resultado da batalha era muito **incerto**, sobretudo para os portugueses que estavam em clara desvantagem, em número de combatentes e de meios bélicos. Por isso, o adjectivo “incerta” realça

o dramatismo deste momento em que se decidirá o destino de Portugal.

- No combate destaca-se imediatamente a figura de Nuno Álvares Pereira, o Condestável. É caracterizado como um verdadeiro herói:
  - ✓ ele é “o **grande Pereira**, em que se encerra/Todo o valor” (est. 30, vv. 5-6);
  - ✓ na batalha, é **invencível e destemido**: “Derriba e encontra, e a terra, enfim, semeia” (v. 7);
  - ✓ causa **significativas baixas** ao inimigo: “**fero Nuno**, que os apouca” (est. 31, v.8).

**Recursos expressivos:**

**Metáfora hiperbólica**

Exemplo: “e a terra, enfim, semeia”

*Este recurso expressivo tem como finalidade salientar a bravura de Nuno Álvares Pereira e a sua acção devastadora sobre o inimigo, que, apesar de ser em maior número, sucumbe sob as suas mãos.*

## Estância 31

**Recursos expressivos:**

A visualização dos acontecimentos resulta da utilização de vários recursos expressivos.

**Adjectivação expressiva**

Exemplo: “estridentes”, “duros”, “ardentes”, “frequentes”, “fero”, “espesso”

**Verbos muito expressivos**

Exemplo: “voam”, “treme”, “soam”, “espedaçam-se”, “atroam”, “recrecem”, “apouca”

**Nota**: Todos se encontram no presente histórico, o que permite uma melhor visualização dos acontecimentos, como se estivéssemos a assistir a toda a batalha.

### *Recursos expressivos (continuação):*

#### *Aliteração*

*Exemplo: “treme a terra”*

#### *Utilização abundante do som /r/*

*Exemplo: “estridentes”, “tiros”, “farpões”, “duros”, “ardentes”, “treme”, “frequentes”, “duras”, “armas”, “atroam”, “recrecem”, “fero”, “ar”, “vários”*

*Nota: Este som sugere as ressonâncias da batalha, os choques.*

#### *Utilização abundante do som /s/ e /ʃ/ (ch;x)*

*Exemplo: “espesso”, “estridente”, “setas”, “farpões”, “debaxo”, “recrecem”, “pés”, “duros”, “soam”, “espedaçam-se”, “danças”, “quedas”*

*Nota: Estes sons representam a violência da batalha e sugerem também os movimentos da mesma.*

### *Sensações:*

*Na descrição da estância 31 dominam as seguintes sensações:*

- *a sensação auditiva - presente não só, nos efeitos fônicos, mas também nos verbos “soam”, “atroam” e no adjetivo “estridentes”;*
- *a sensação de movimento – sugerida pelos sons das armas, pelas “quedas”, pela terra que “treme” sobre as investidas da cavalaria.*

### **Estâncias 32-33**

- Estas estrofes representam um momento de paragem na narrativa da batalha, dedicado ao conflito dos Pereira. O poeta reflecte sobre o problemas da traição à Pátria. No “primeiro esquadrão”, do lado castelhano, encontram-se D. Diogo e D. Pedro, os irmãos de D. Nuno Álvares Pereira. Além de uma luta entre Portugal e Castela, há uma **luta entre irmãos**.
- O Poeta sublinha que também **nas guerras civis de Júlio César e de Magno, havia muitos traidores no primeiro esquadrão**. Aponta Sertório, Coriolano e Catilina como exemplos de **traidores**, que pegaram em armas contra a sua pátria. Também **alguns portugueses, “algumas vezes” atraçoaram o seu país**, como estes dois irmãos. Por isso, Camões considera esta situação um “caso feio e cruel!”.

### Estâncias 34-35

- D. Nuno Álvares Pereira combate com bravura e não vacila, apesar de a violência da batalha aumentar cada vez mais. No entanto, começam a perecer alguns portugueses, pois, apesar da valentia demonstrada, não conseguem resistir perante o ataque de tantos castelhanos.

### Estâncias 36-38

- Quando o Mestre de Avis (D. João I) se apercebeu de que havia inúmeras baixas do lado português e que D. Nuno continuava a dar ânimo aos seus soldados, decidiu ir até à primeira ala para incentivar os portugueses ao combate. O Mestre de Avis assumiu uma **atitude de coragem** ao avançar para a frente da batalha.
- O Mestre de Avis consegue animar as suas hostes tecendo, inicialmente, um elogio à bravura dos cavaleiros portugueses. Lembra-lhes, depois, que deles depende a liberdade de Portugal. Por outro lado, diz-lhes para seguirem o seu exemplo, pois não teme nem desiste de lutar, ali, na primeira linha, apesar das “lanças e setas e os arneses” (est. 38, v.2) do inimigo.
- O Rei ilustra a bravura que pretende dos portugueses atirando a sua lança, como signal de coragem e de determinação em continuar: “e deste único tiro/Muitos lançaram o último suspiro” (est. 38, vv. 7-8).

#### *Recursos expressivos:*

##### *Hipérbole*

*Exemplo:* “e deste único tiro/Muitos lançaram o último suspiro”

*Nota:* O Poeta recorre a estes recursos expressivos como forma de exaltar a coragem e a capacidade guerreira de D. João I.

*Perífrase* → utilização de muitos termos para exprimir o que se pode dizer num só palavra

*Exemplo:* “Muitos lançaram o último suspiro” = muitos morreram

### Estância 39-41

- Os portugueses ganham novo ânimo e começam a fazer baixas significativas do lado castelhano. Morrem os Mestres de Santiago, de Calatrava (D. Pedro Álvares Pereira) e D. Diogo Álvares Pereira juntamente com outros “arrenegados”. Morrem também elementos do povo (“do vulgo vil”) e a bandeira castelhana é derrubada “aos pés da lusitana” (est. 41, v.8).

### TERCEIRA PARTE

#### Estâncias 42-44

- A batalha chega ao fim, e o rei de Castela decide recuar, dadas as inúmeras baixas. Os sobreviventes fogem para poderem ainda salvar as próprias vidas (“e o temor/Lhe dá, não pés, mas asas à fugida” – est. 43, vv. 3-4).
- Os efeitos desta batalha sobre os castelhanos são devastadores. Fogem, sentindo uma profunda dor pelas mortes, pela “fazenda despendida”, pela “desonra e triste nojo” da derrota sofrida.
- Enquanto batem em retirada, maldizem a guerra (est. 44, v.1), a ambição desmedida por riqueza e territórios (vv. 3-4) que faz com que o Povo seja a principal vítima (“Deixando tantas mães, tantas esposas/Sem filhos, sem maridos, desditosas” – est. 44, vv. 7-8).

### QUARTA PARTE

#### Estância 45

- Após a batalha, o Mestre de Avis (D. João I) recolhe-se para o campo e “com ofertas, depois, e romarias” (v.3) agradece a Deus pela vitória conseguida neste conflito.
- Em contrapartida, D. Nuno, que se distinguirá pelos altos feitos de armas, após a batalha de Aljubarrota, parte para as terra “Transtaganas”, onde continuava a pelejar (lutar) pela Pátria.